

SUCESSO OU FRACASSO DA ÓPERA "ABUL" DE ALBERTO NEPOMUCENO EM PALCOS ARGENTINOS?

Flávio Carvalho
fcarvalho@iar.unicamp.br
Universidade Federal de Uberlândia, MG

1. Resumo:

Este trabalho traça os rumos tomados pela ópera "Abul", de Alberto Nepomuceno, em sua montagem de estréia em Buenos Aires e Rosário, Argentina em junho de 1913. Para tanto analisamos uma coletânea de periódicos portenhos procurando entender os fatos ocorridos naqueles dias, nos quais, apesar da propaganda brasileira de vitória e sucesso estrondoso da obra, a crítica especializada apontou muitas e sérias reservas à obra e ao seu autor. Apresentaremos, aqui, críticas que em momento algum foram reveladas pela imprensa brasileira, e foram esquecidas pela bibliografia musicológica.

Palavras Chave: Alberto Nepomuceno; Musica vocal; Ópera brasileira

Abstract:

This paper traces the course of the opera "Abul", composed by Alberto Nepomuceno, during its staged premiere in Buenos Aires and Rosário, Argentina, in June of 1913. To do so, we analyze a collection of articles published in the local newspapers of that time, in an attempt to understand the facts that occurred, in which, in spite of the Brazilian propaganda that announced the spectacular victory and success of the opera, the Argentine critics pointed out several – and severe – reservations about the opera and its composer. We present here criticisms that were never revealed by the Brazilian press, and forgotten by musicological bibliography.

1.1. Histórico da montagem.

A ópera "Abul" de Alberto Nepomuceno é uma das poucas óperas brasileiras que tiveram sua estréia em um país estrangeiro, tendo sua primeira apresentação em Buenos Aires, Argentina, em 30 de junho de 1913, no *Teatro Coliseo*. Sua performance esteve a cargo da

companhia lírica *La Teatral* do empresário Walter Mocchi que, naquela época, era o diretor do prestigiado *Teatro Costanzi* em Roma, Itália.

"Abul" é inspirado no conto *A Romance of Faith* do escritor americano Herbert D. Ward, (e não **Herbert C. Ward** como está impresso na partitura da obra e no Catálogo Geral do compositor) publicado no periódico *The century; a popular quarterly* em fevereiro de 1894, em Nova York, USA¹. Até o momento não foi possível apontar de que forma Alberto Nepomuceno teve acesso a este texto, mas o fato é que, segundo seu amigo e colaborador, Luiz de Castro², em um discurso publicado pelo periódico *Jornal do Comércio*, foi em junho de 1899 que Nepomuceno resolveu iniciar a composição da ópera. (Cf. *Jornal do comércio*, 30/07/1913)

Depois de concluída a obra, a companhia lírica chamada Sindicato Lírico, empresariada por Castro, faria a estréia naquele mesmo ano, mas a empreitada não se concretizou. Outra oportunidade aparecerá em 1908, na inauguração do Teatro Municipal do Rio de Janeiro, mas o assassinato do Rei D. Carlos de Portugal e o conseqüente adiamento da inauguração, levam ao fracasso de mais essa tentativa³.

Algum tempo depois, a companhia lírica *La Teatral* surge no Rio de Janeiro, na figura de seu diretor artístico Walter Mocchi, com a intenção de incluir a cidade em sua turnê pela América do Sul. Por contrato, se compromete a levar à cena uma ópera brasileira, sendo que a escolha recai sobre a "Abul" de Alberto Nepomuceno.

Ao nosso ver a escolha se deve ao fato da significativa posição que Nepomuceno desfrutava naquele momento, de ser quase uma unanimidade entre críticos, artistas, intelectuais e políticos no cenário nacional da época, além de um artista consagrado pelo público em suas diversas apresentações seja como regente, pianista, organista ou compositor. Apresentar uma obra de tão ilustre figura daria credibilidade à companhia e ao empresário.

Não foi possível encontrar em nossas pesquisas uma cópia do contrato entre Walter Mocchi e Nepomuceno, mesmo em nossa visita ao arquivo do *Teatro Costanzi* (hoje *Teatro Del'Opera*) em Roma, aos arquivos do Teatro Municipal do Rio de Janeiro, Arquivo

¹WARD, Herbert D. (1894) *The Romance of Faith*. **The Century: a Popular Quarterly**. <http://cdl.library.cornell.edu/cgi-bin/moa> . Acesso em 10 dez 2002.

² Castro, Luiz de. (Rio de Janeiro, 01/11/1863 – 09/03/1920). Jornalista, teatrólogo, representante no Brasil da Sociedade dos Autores Dramáticos, de Paris. Pseudônimos: Dora, Lulu Júnior, Quidam. (Cf. Enciclopédia da Literatura Brasileira, 2001: 461). Segundo Luiz Heitor Correia de Azevedo, Nepomuceno teria iniciado os trabalhos de composição do libreto em parceria com Castro, mas depois cuidou sozinho da empreitada (Cf. Azevedo, 1956: 168)

³ O Teatro Municipal só será inaugurado em 1909, com a ópera "Moema" de Delgado de Carvalho.

Nacional e Escola de Música da UFRJ, e os arquivos relacionados a Alberto Nepomuceno na Biblioteca Nacional.

Por que Nepomuceno, com seu ideal nacionalista, aceitou que sua ópera tivesse sua estréia em Buenos Aires? Luiz de Castro esclarece que Nepomuceno aguardou por uma companhia que fosse competente o bastante para representar sua ópera e recusou muitas propostas de “além-mar” (Cf. *Jornal do Comércio*, 30/07/1913). Os dois episódios frustrantes de suas intenções de montar a "Abul" no Rio de Janeiro também devem ter pesado em sua decisão.

Parece-nos pertinente ouvir os ecos da voz do próprio compositor sobre sua escolha, como podemos ver na entrevista concedida por ele a um jornal argentino que o cita indiretamente pouco antes de 30 de junho de 1913.

“...Además, no quería estrenar en Rio de Janeiro por tratarse justamente de su país y su ciudad. Allí le reconocen como músico y como director del conservatorio nacional. Estas circunstancias le hacen suponer inhabilitarían los sentimientos de imparcialidad e impedirían el juicio recto. Podía la obra obtener un éxito ruidoso: el maestro talvez llegará á suponer que sus compatriotas le habían aplaudido condescendientes y amigos. Podía fracasar: podía, en su cambio, pensar él, que el fracaso no era debido á fallas de la obra sino que nadie es profeta en su tierra...” (El nacional, [jun/1913])

Vejamos um pouco como tudo se deu na capital argentina.

Ao tomar conhecimento da data da estréia de sua ópera no Teatro Coliseo por meio de um amigo, e não por Mocchi, Nepomuceno faz uma viagem apressada a Buenos Aires, onde podemos encontrá-lo em 24 de junho, para acompanhar os ensaios e a preparação de sua obra. Para sua surpresa, os músicos ainda não sabiam uma linha sequer da música e os ensaios tiveram que ser em número muito reduzido, não havendo sequer ensaio geral, comprometendo a obra em seu todo, como podemos ver pelo comentário de um jornal argentino:

“...Muito rapidamente se tem feito as coisas para esta ópera: não se cuidaram dos ensaios como se devia, e prova disso é a pouca ação cênica que desenvolveram os artistas, que estavam como subjogados ao peso da completa incerteza de suas partes!... Por causa da falta de tempo tiveram que cortar da obra muitas páginas de grande beleza, segundo nos informaram aqueles que a conhecem a fundo! (...) A execução que ouvimos não foi uma estréia nem um simples ensaio geral, mas sim uma pequena prova ...” (El diario de la plata, 01/07/1913)

Diante desses fatos, podemos então conjecturar sobre a qualidade da performance desta primeira récita da ópera "Abul" em Buenos Aires e refletir um pouco sobre seu sucesso de público naqueles dias. Uma ópera prevista para três horas de espetáculo, montada em poucos ensaios, com um cast já fatigado de uma turnê de 50 dias na capital argentina, com apresentações em *matinée*, *sorriere* e Gala seria impossível uma apresentação primorosa de uma peça tão extensa e tão arrojada musicalmente como a "Abul". Certamente tínhamos ali cantores, coro e músicos competentes, mas ainda assim, naquelas circunstâncias, seria difícil que o produto musical e cênico apresentado para os argentinos tenha sido algo primoroso. Apesar de tudo, a ópera foi um sucesso de público.

1.2. A crítica da obra pela imprensa portenha.

Certamente a ópera "Abul" foi apresentada na Argentina precedida de uma grande propaganda na imprensa e acrescida das cores da identidade de uma América que deveria se apresentar diante do mundo civilizado não apenas com suas conquistas técnicas mas também culturais e artísticas.

Na estréia, mais uma vez, o nosso compositor está cercado de políticos de altos cargos, como o Sr. Ernesto Bosch, ministro das relações exteriores argentino, e sua esposa, representando o presidente daquele país, o Sr. Saen Peña. Também estava presente o ministro Dr. Sousa Dantas, que era, o delegado oficial do governo brasileiro na capital Argentina. Jornalistas brasileiros são mandados para acompanhar os fatos e de lá mandam notícias através do telégrafo.⁴

Entretanto, como veremos, esta propaganda de confraternização americana tendo como bandeira uma obra de arte, não é consenso entre todos, nem mesmo os aplausos foram tão espontâneos como poríamos imaginar:

... 'Abul' de Alberto Nepomuceno, foi executado ontem a noite no Coliseo.

Confessamos que não gostamos nada das palavras do programa da função: - Grande Festival Artístico da Confraternidade Argentino-Brasileira.

E menos ainda esta frase, que na sala ouvimos mais de uma vez: - Aplaudimos, acima de tudo, ao Brasil... (El Tiempo – 01/07/1913)

...Em outro lugar explicaremos certas coisinhas muito amenas – ou muito tristes – da confraternidade e, por outra parte, conhecíamos os bastidores das homenagens desde a noi-

⁴ O jornalista do Jornal do Comércio manda um telegrama ao fim de cada ato do espetáculo!

te passada. Walter Mocchi ao final de um banquete nos confessou que o êxito estava assegurado e não podia falhar

Horas antes, havia combinado com o grande Bordi quatro saídas do autor no primeiro ato, cinco no segundo e apoteose final ... Não se soltaram pombinhas porque a Farnetti se ressentiu. Ela acha que é a única merecedora dessas homenagens singulares... (Il teatro e los artistas, 01/07/1913)

Podemos perceber que a récita de estréia da "Abul" foi usada como um instrumento de propaganda do Brasil perante o público. A ópera representou ali um símbolo de que a produção cultural das Américas crescia e que será um marco deste engrandecimento americano. Constatamos que os elementos como a criação de um patrimônio artístico que nos represente diante das nações mais civilizadas daquele tempo, que demonstre que também somos seus iguais, são aplicados aqui como padrões do processo de identidade sul-americano. O jornal La Razón escreve que a estreia da ópera Abul é de "...particular interesse para todos que se preocupam com o desenvolvimento da arte musical na América do Sul..." (Cf. La Razón, 01/07/1913)

Porém, as críticas feitas à obra também estão presentes nos periódicos. Os pontos atacados são principalmente a técnica composicional wagneriana, o libreto e suas limitações cênicas e formais, e o enredo.

Da técnica wagneriana reclamam que, apesar de excelente construção da estrutura musical, os defeitos de Wagner estão mais presentes que suas qualidades – alguns dizem mesmo que falta talento ao compositor - e que o libreto não colabora com uma ação cênica mais dinâmica, sendo que os cantores têm uma atitude bastante estática em cena. Também há a reclamação de que Nepomuceno não é Carlos Gomes, e que o compositor poderia ter escolhido para enredo de sua ópera uma lenda brasileira ou algo assim.

A presença de Carlos Gomes como parâmetro de comparação com Nepomuceno é compreensível, já que, provavelmente àquela época, o "Guarany" seria a ópera brasileira mais conhecida fora dos palcos do Brasil. Isto deve ter criado no público do *Coliseo* uma expectativa de ver e ouvir na récita de uma ópera brasileira os exotismos da nossa cultura indígena, os sons de nossa fauna e flora, o verde das matas brasileiras, ou qualquer coisa que se ligue ao folclore ou ao imaginário nacional. Certo é que os jornais de Buenos Aires já tinham apresentado resumos da ópera alguns dias antes da estréia, além de apresentarem o compositor e seu currículo como homem ligado às mais recentes linhas composicionais do momento.

O libreto da "Abul", que nada tem de brasileiro ou folclórico ou do exotismo tropical esperado, não foi bem recebido pela crítica. Embora uma parte dos colunistas tenha escrito que ele guardava uma estrutura homogênea e sem falhas dramáticas, a maioria desaprovava o libreto como um enredo que não é o mais adequado a uma obra como aquela já que não oferece as possibilidades cênicas variadas que, na opinião deles, deveriam estar presentes em uma ópera. Os adjetivos de “pesado”, “escuro”, “denso” e “desinteressante” são comuns na descrição da trama pelos jornais.

Vejamos alguns trechos selecionados dentre os jornais que pesquisamos que apresentam suas opiniões e que não são vozes isoladas dentre os periódicos portenhos:

... ‘Abul’ é uma ópera de estupenda concepção. O maestro Nepomuceno (...) pensa como Ricardo (sic) Wagner – o autor de ‘Lohengrín’ (sic) (...) – que compõe sua obra criando libreto e partitura. (...) O maestro Nepomuceno é como Wagner também no desenvolvimento de sua obra. Faz o drama lírico, não a ópera e sua obra não é uma série de números musicais, mas sim um todo perfeitamente unido. (...) Com o maestro Nepomuceno tem se passado o mesmo que a todos os sucessores de Wagner. O imitam muito bem na teoria, mas na realização, fracasso completo. No que conseguem igualá-lo é dar força soporífera aos espetáculos. Lhes falta essa coisinha denominada inspiração, talento, gênio, etc. ‘Abul’ é um punhado de boas intenções. (...) O libreto (...) de ‘Abul’ é pesado e a partitura guarda sempre uma perfeita concordância com ele. Falta interesse naquele falta emoção nesta, e quando a obra termina e fazemos o balanço do que experimentamos, se constata que estamos diante do ensaio insistente de um músico que quer fazer música com a maior boa vontade ... (El teatro e los artistas, 01/07/1913)

...Quando o Sr. Nepomuceno encontrar o drama, que por sua índole consiga conferir faculdades tão essenciais ao gênio musical e lírico, o autor de ‘Abul’ será chamado a continuar na sua pátria a gloriosa tradição aberta pelo seu ilustre compatriota Gomes ... (La Nación, 01/07/1913)

Desta forma, percebemos que, apesar dos pontos de controvérsia da ópera serem vistos e apontados pela imprensa portenha, também foram observadas as qualidades da obra e elogiada sua fatura musical, sua orquestração e a interpretação dos cantores, juntamente com a regência de Gino Marinuzzi. Um dos colunistas atribui ao regente o milagre de fazer com que a orquestra interpretasse tão bem a obra e que isto, junto aos cantores, seria o motivo do sucesso da "Abul" em Buenos Aires. (Cf. El Diario de la Plata, 01/07/1913)

Sentimos, porém que há muita resistência por parte de todos os periódicos portenhos em dar à "Abul" as mesmas loas que lhe deu o público. Parecem muito cautelosos nos elogios e as críticas terminam com um voto de confiança ao compositor como representante do desenvolvimento cultural e musical sul-americano que ainda está em processo e que

naquele momento, apesar de sua força expressiva nas composições de vários compositores sul-americanos, ainda era vista com reservas. O artigo a seguir apresenta uma condensação dos sentimentos presentes na imprensa portenha

...O maestro Nepomuceno, autor da ópera 'Abul', tem recebido todas as homenagens que o afeto, a simpatia, os vínculos e a diplomacia estabelecem para o Brasil. A confraternidade lhe tem rendido homenagens que nem a obra magna de Ricardo (sic) Wagner conseguiu. 'Parsifal' não mereceu do nosso público nem a décima parte de expressões afetuosas que o 'Abul', a quem a noite passada ovacionaram até os funcionários do teatro. A consagração era geral...

Os cronistas teatrais hoje tocam o bombo em honra da obra e do autor, mesmo aqueles que há uma semana apenas se declararam pouco conformes com a arte de Wagner em 'Parsifal' e investiram contra Ricardo (sic) Strauss de forma violenta.

O maestro 'Abul', quer dizer, o maestro Nepomuceno escreve melhor que eles a deduzir pelas crônicas e sua ópera Nepomuceno, quer dizer, sua ópera 'Abul', é superior às duas citadas e a tantas que se vem importando da Itália, já há cinco anos, pois todas foram motivo de discussão desses colegas hoje tão entusiastas.

Público e crítica viram em 'Abul' um símbolo do Brasil, e para demonstrar o afeto à república vizinha realizaram uma comédia, no fundo mais amarga do que parece. O maestro Nepomuceno não se apercebeu da falsidade de todo o ocorrido a noite passada. Ele não se deu conta, emocionado pelo batismo de sua produção, de que nos entusiasmos da noite passada não se levava em conta suas faculdades de músico nem de literato, que tudo era obra da companhia – dignamente representada pelo grande Bordi e seus rapazes entusiastas – e da diplomacia... (...) O maestro Nepomuceno é credor de todo tipo de gentilezas. (...) Porém não se deve exagerar na nota como se fez pois se cai no ridículo e no doloroso. O que dirão do nosso critério artístico no Brasil quando conhecerem 'Abul'? (...) se não se sente superior a Wagner e a Strauss, deve sofrer imensamente ante ao embuste, ante as homenagens (...) e se acaso se sente merecedor de todas as festas, sua pena será ainda maior... (L'última Hora, 01/07/1913)

Entendemos então, que o sucesso de "Abul" na capital argentina, deve ser visto de uma forma menos ufanista do que aquilo que encontramos na bibliografia musicológica tradicional, relativizando-o diante do momento histórico e das forças políticas e culturais que se movimentaram para que o êxito da obra fosse assegurado. Certamente podemos afirmar que a ópera "Abul" está entre as grandes obras do patrimônio musical erudito brasileiro, mas a falta de uma performance completa e moderna da obra, que foi montada apenas três vezes no Brasil – duas em 1913 e uma em 1964 - e sempre com cortes, compromete nossa avaliação mais global da obra.

Bibliografia:

“ABUL” del maestro Nepomuceno: Un puñado de buenas intenciones. El Teatro e los Artistas, Buenos Aires, 01.07.1913.

- AZEVEDO, Luiz Heitor Correia de. Relação das óperas de autores brasileiros. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde, 1936.
- CARVALHO, Flávio. O nacional em música na obra de Alberto Nepomuceno: Pilares cambiantes nas críticas de jornais cariocas. Rotunda. Campinas, v 2., p. 5-14, 2003.
- CASTRO, Luiz de. Maestro Alberto Nepomuceno. Jornal do Comércio, Rio de Janeiro, 30.07.1913.
- CORREIA, Sergio Nepomuceno Alvim. Alberto Nepomuceno: catálogo geral. Rio de Janeiro: MEC/FUNARTE, 1996.
- COUTINHO, Afrânio; SOUSA, J. Galante de. Enciclopédia de literatura brasileira. São Paulo: Global editora, 2001. 2v.
- EL compositor brasileiro. El Tiempo. Buenos Aires, 01.07.1913.
- EL estreno de “Abul”. El Diálogo de la Plata. Buenos Aires, 01.07.1913.
- EL maestro Nepomuceno. El Nacional, Buenos Aires, [06.1913].
- ESTRENO de “Abul” en el Coliseo. La Nación, Buenos Aires, 01.07.1913.
- LOS excesos de la confraternidad: La farsa de anoche. L’ultima Hora, Buenos Aires, 01.07.1913.
- O DISCURSO do grande maestro no banquete que lhe ofereceu o Ministro Souza Dantas. Jornal do Comércio. Rio de Janeiro, 15.07.1913.
- PEREIRA, Avelino Romero Simões. Música sociedade e política: Alberto Nepomuceno e a República musical no Rio de Janeiro, 1995. 400 p. Dissertação de Mestrado (Mestrado em História Social) UFRJ. Rio de Janeiro – RJ.
- TRANQUILO, Pepe. “Abul” del maestro Nepomuceno. L’ultima Hora. Buenos Aires, 01.07.1913.